

Armas-Sujas¹

*Reinaldo Nonato de Oliveira Lima**

Preâmbulo

Em pesquisas realizadas, verifica-se que o conceito de “armas-sujas” assenta-se eminentemente em sua estrutura física, qual seja, em seus elementos constitutivos, mediante a combinação de explosivos convencionais com material radioativo. Segundo esse parâmetro, a denominação mais comum para essas armas tem sido a de “bombas sujas”.

Descrição extraída da Wikipédia apresenta o seguinte comentário:

Bomba suja é uma arma radiológica especulativa que combina material radioativo com explosivos convencionais. Seu objetivo é contaminar a área em torno da explosão com material radioativo. Sua finalidade seria criar impacto psicológico, mais do que físico, por pânico em massa e terror. Além disso, a contenção e a descontaminação de milhares de vítimas, bem como a descontaminação da área afetada, poderia (sic) exigir tempo e gastos consideráveis, tornando as regiões afetadas parcialmente inutilizadas, o que causaria danos econômicos.²

A partir dessa descrição, pode-se inferir que o conceito de “armas-sujas” encerra outros elementos além de sua sim-

ples configuração, envolvendo inclusive aspectos de ordem psicossocial.

A concepção de arma suja vai muito além de sua simples configuração física.

Assim, o presente artigo tem como escopo apresentar uma conceituação bem mais abrangente de tais artefatos, extrapolando sua estrutura física e orientando-se mais pelos efeitos desejados com seu emprego, a par da forma bárbara com que têm sido utilizados.

Naturalmente que as armas que compõem a dotação das forças regulares do Estado, tanto as destinadas à defesa nacional quanto as de emprego na segurança pública, não se enquadram no universo conceitual de armas-sujas ora apresentado. As armas do Estado constituem meios legais e ostensivos para o exercício de atividades constitucionais e, como tais, somente devem ser empregadas segundo normas legais de amplo conhecimento da sociedade e de forças adversas que, porventura, ameacem interesses nacionais.

Além dos ditames constitucionais, a Política Nacional de Defesa do Brasil estabelece que o Estado

* Cel Art R/I (AMAN/72), cursou a EsAO em 1981 e a ECEME em 1987. Atualmente, exerce a função de instrutor na ECEME.

detém o monopólio legítimo dos meios de coerção para fazer valer a lei e a ordem, estabelecidas democraticamente, provendo, também, a segurança. A defesa externa é a destinação precípua das Forças Armadas. (BRASIL, 2016, p. 1)

Duas referências históricas

Na Antiguidade, os gregos, durante a Guerra de Troia, exerciam um cerco que já durava nove anos à cidade fortificada de Troia. Porém, esta se mantinha inexpugnável.

Entretanto, em determinado momento, as tropas gregas simplesmente abandonaram o campo de batalha, dando a entender que, finalmente, haviam desistido de prosseguir no seu intento. Ao se retirarem, os gregos deixaram à mercê dos troianos um imenso cavalo de madeira, que, antes, parecia servir de apoio para a escalada das muralhas de Troia. Os troianos, por sua vez, interpretaram aquele abandono realmente como uma desistência grega e tomaram o cavalo como troféu de guerra, introduzindo-o em sua cidadela.



Figura 1 – Ilustração do Cavalo de Troia

Fonte: <http://io9.gizmodo.com> (What's the Historical Reality Behind the Trojan Horse)

À noite, porém, guerreiros gregos ocultos no interior do grande cavalo saíram, renderam as sentinelas troianas e escancararam os portões para a entrada das tropas gregas que aguardavam abrigadas à distância.

A partir daí, a derrota troiana foi fatal...

Lenda ou não, esse estratagema, hoje conhecido como “presente de grego”, rompeu com a concepção bélica da época, em que as tropas se confrontavam ostensivamente, frente a frente, em guerras declaradas, e a figura do herói encerrava um quê de romantismo.

Teria sido essa artimanha um “jogo sujo”, segundo a associação que se faz hoje à expressão “presente de grego” como algo enganador?

Na Idade Média (séculos V ao XV), em que proliferavam as guerras entre feudos e reinos — como a Guerra dos Cem Anos —, e até mesmo por questões religiosas — como as Cruzadas —, uma das táticas predominantes era o “sítio”, que buscava o isolamento dos habitantes das fortalezas (castelos), provocando sua rendição pela fome. Nessas oportunidades, era comum o derramamento de óleo fervente sobre os combatentes que tentavam escalar as muralhas das praças fortes adversárias. Embora fosse empregada no contexto da batalha, essa “arma” provocava sofrimentos atrozes nas vítimas, uma verdadeira tortura, com danos irreparáveis. Sob esse enfoque, o uso do óleo fervente tinha nítida conotação de arma-suja.

Por outro lado, o cerco, destinado a exaurir pessoas pela fome, também se mostrava como arma-suja. Aliás, até nos dias atuais, essa arma vem sendo empregada, conforme constatado na guerra civil que assola

a Síria há mais de cinco anos. Esses cercos de cidades impedem que moradores recebam ajuda humanitária, como alimentação e medicamentos, redundando em muitas mortes por inanição e epidemias.

Uma visão atual

De acordo com a proposta deste artigo, a abordagem que se faz de “armas-suja”, conforme será exemplificado mais adiante, concentra-se, principalmente, em seus efeitos deletérios de toda ordem, a par do *modus operandi* com que são empregadas indistintamente. Esse enfoque não exclui considerações sobre a constituição física de tais artefatos, já que eles se valem de elementos proscritos por diversas convenções internacionais.

Artefatos explosivos são de fáceis fabricação e obtenção, inclusive mediante ampla orientação disponível na Internet.

O material explosivo, em sua maioria o TNT (trinitrotolueno), encontra-se disponível no comércio ou extraviado de empreendimentos onde são largamente empregados, como pedreiras, abertura de túneis, demolições, construção de infraestruturas etc.

Quanto ao material radioativo que normalmente se associa aos explosivos, para caracterizá-los como “bombas-suja”, também ele não se mostra de tão difícil obtenção, já que é encontrado em hospitais (medicina nuclear, radiologia etc.), indústrias de equipamentos hospitalares, centros de pesquisa científica, instalações de radiação de alimentos e em geradores termoelétricos, entre outras fontes, onde se sobressaem elementos como o cézio-137, o cobalto-60 e o estrôncio-90.

Portanto, a construção e o emprego de uma “bomba-suja” é algo que não requer complexos arranjos, conforme será demonstrado no contexto das considerações sobre sua qualificação segundo os critérios propostos no presente artigo.

Um dos grandes temas abordados na IV Cúpula de Segurança Nuclear, realizada em março de 2016 em Washington, foi a necessidade de uma ação conjunta dos países no sentido de se evitar que material nuclear (radioativo) caia em mãos de terroristas, principalmente do Estado Islâmico (Daesh), tendo em vista que essa organização é usuária contumaz de armas-suja.

Considerações sobre o entendimento de armas-suja

Segundo a abordagem ora proposta, o conceito de arma-suja estende-se além de sua simples configuração física.

Assim, inúmeros aspectos podem servir de escopo para se qualificarem essas armas como tais, seja em decorrência de seus bárbaros efeitos, seja pela forma indiscriminada com que são empregadas, com requintes de crueldade, afetando principalmente pessoas inocentes, que nada têm a ver com as idiosincrasias de seus autores.

A seguir, são apresentadas considerações gerais sobre a qualificação de armas-suja segundo a proposta deste artigo.

Jeremy Scahill, autor de *Blackwater* (2008), escreveu o livro *Guerras Sujas – o Mundo é um campo de batalha*. Nessa obra, o autor faz menção a eliminações de pessoas perpetradas por Estados como parte essencial de “política de segurança nacional”.

O livro narra a história da expansão das guerras secretas dos Estados Unidos, do abuso das prerrogativas do Poder Executivo e do instituto dos segredos de Estado, bem como do emprego de unidades militares de elite que prestam contas exclusivamente à Casa Branca,

no complexo contexto das ações contra o terrorismo. Essa consideração permite inferir conjecturas sobre o enredo de armas-sujas que se desenvolve nos bastidores de políticas de Estado quando está em jogo o “tudo ou nada”.

É fácil deduzir o que acontece de emprego de armas-sujas em campos de batalha não declarados, onde as organizações terroristas são os mais extremados adeptos da utilização de tais armas, como será exemplificado mais adiante.

A I Guerra Mundial (1914-1918) caracterizou-se por ser uma “guerra de trincheiras”, em que se empregou em larga escala o gás cloro (gás clorídrico), caracterizando a primeira utilização ostensiva de armas químicas.

Os efeitos adversos provocados pela inalação desse gás tóxico levavam à asfixia dos combatentes, além de queimaduras nos olhos, na garganta e nos pulmões, bem como cegueira, náuseas e fortes dores de cabeça, culminando muitas vezes com a morte lenta de combatentes.

Além do gás clorídrico, foi empregado também o gás mostarda, ainda mais letal. Segundo dados coletados sobre a I Guerra Mundial, mais de 124 mil toneladas de 21 agentes tóxicos diferentes provocaram um milhão de baixas, com 90 mil mortes.

Pelo fato de o emprego desses agentes químicos caracterizar um verdadeiro ato de



Figura 2 – Trincheira na I Guerra Mundial

Fonte: o autor

tortura, qual seja, uma arma-suja, o Protocolo de Genebra (1925) proibiu terminantemente o uso de armas químicas nos campos de batalha.

No contexto da II Guerra Mundial (1939-1945), também houve o emprego de armas químicas, embora já proscrias anteriormente. Muitos combatentes foram literalmente incinerados ao vivo com o emprego de lança-chamas. Mas, o paroxismo do uso de armas-sujas verificou-se no lançamento de bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki e nos fornos de cremação de judeus confinados em campos de concentração nazistas, redundando no extermínio de milhões de civis não envolvidos nos combates.

As armas nucleares são consideradas armas de destruição em massa, afetando muito mais comunidades civis do que combatentes nos campos de batalha; fora, portanto, do propósito imediato de destruir forças armadas em confronto. Daí, sua nítida característica de armas-sujas, causadoras, além da morte, do caos social, de mutilações irreversíveis, de deterioração ambiental, entre outros efeitos deletérios.



Figura 3 – Bomba atômica

Fonte: www.americainwwii.com (Victory Mania!)

Segundo especialistas, uma bomba termonuclear (hidrogênio), pesando pouco mais de um quilo, como a Coreia do Norte afirma já ter desenvolvido, pode produzir uma força explosiva equivalente à detonação de cerca de um milhão de toneladas de TNT.

As principais potências nucleares da atualidade, com destaque para os Estados Unidos, têm promovido encontros de cúpula, como o ocorrido em 2016, em Washington, no sentido de incrementar esforços globais para impedir que armas nucleares caiam em mãos de organizações terroristas, principalmente do Estado Islâmico, além de desestimular a posse desse tipo de arsenal por novos detentores nacionais, a exemplo do que se fez em relação ao Irã e das sanções em vigor contra a Coreia do Norte.

Entretanto, verifica-se um eloquente contrassenso nessas iniciativas, visto que, diante da hecatombe que tais armas podem provocar, o mais sensato seria a formação de

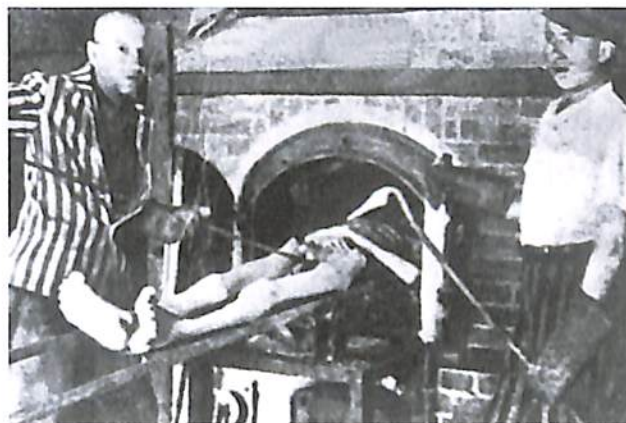


Figura 4 – Cremação de judeus

Fonte: o autor

um consenso mundial no sentido de se eliminarem definitivamente esses arsenais. Porém, os atuais detentores não querem abrir mão dessa “capacidade dissuasória”, exemplo que só serve para estimular o surgimento de novas potências nucleares.

Segundo o historiador britânico Robert Service (2015), no auge dos regimes comunistas implementados no século XX, particularmente na Europa e na China, dissidentes [e foram muitos] da ideologia marxista-leninista implantada em seus países eram barbaramente internados em campos de trabalho forçado, com todas as suas adversidades, sob o propósito de sofrer “purificação mental”. Nesses casos, os prisioneiros eram, muitas vezes, submetidos à ingestão forçada de drogas “psicóticas” em hospitais psiquiátricos, com a finalidade de serem removidos de sua reação ao regime.

Essa atuação totalitária de Estados comunistas, buscando neutralizar a individu-

alidade de cidadãos, nada mais foi do que uma arma-suja oficial, de amplo emprego na vertente psicossocial, caracterizando mais uma faceta desse tipo de arma.

A Guerra do Vietnã, ocorrida no Sudeste Asiático entre os anos de 1955 e 1975, foi pródiga no uso de armas-sujas, principalmente em decorrência da ampla atuação das forças guerrilheiras vietcongues.

A variedade de armas-sujas desenvolvidas ao longo dessa guerra revelou o requinte de crueldade dos idealizadores nativos, pois a maioria delas, à base de estacas pontiagudas e infectadas com fezes, visava a impingir dores atrozes às vítimas, culminando muitas vezes com uma morte lenta e bastante sofrida. Paralelamente, os vietcongues infiltravam, nos vilarejos, combatentes descaracterizados como tais, dissimulados de camponeses sul-vietnamitas, o que levou tropas americanas a atuar operativamente contra vários civis inocentes. Tal fato chegou a provocar massacres de comunidades locais, como o de My Lai, e a incitar soldados americanos a cometer barbaridades, como o

estupro de jovens sul-vietnamitas. Era arma-suja provocando arma-suja...

A atitude irregular dos vietcongues foi consequência da assimetria do poder de combate diante dos americanos, como forma de compensar sua inferioridade bélica.

Em contrapartida, as forças americanas fizeram extensivo uso de armas químicas desfolhantes, que arrasaram vasta área florestal, além de napalm, de elevado poder incendiário.

Houve também largo emprego de lança-chamas e gases para desalojar guerrilheiros escondidos no emaranhado dos túneis subterrâneos por eles construídos.

O fato é que o preparo dos combatentes americanos para uma guerra convencional mostrou-se ineficaz diante das armas-sujas com que depararam nesse conflito, levando a que muitos deles, no fragor do combate, relessem os valores morais adquiridos e passassem a retaliar o inimigo indistintamente — civis e militares —, de forma a anular sua atuação solerte. Foi, enfim, uma guerra de armas-sujas por excelência...



Figura 5 – Armadilha vietcongue
Fonte: o autor



Figura 6 – Armadilha vietcongue
Fonte: o autor



Figura 7 – Menina vítima de napalm

Fonte: www.pragmatismopolitico.com.br (Fotografia histórica da Guerra...)

Uma arma-suja que teve emprego exponencial em vários conflitos no Mundo foram as minas antipessoal (AP).

Essas armas mataram e mutilaram indistintamente civis e combatentes onde foram empregadas. Sua ação persistiu (e ainda persiste?) por muito tempo após o término dos conflitos em que foram empregadas.

Além dos danos pessoais irreversíveis, elas impediam a utilização das áreas onde foram lançadas para quaisquer empreendimentos, principalmente os de natureza agropecuária.

As minas AP foram amplamente empregadas na II Guerra Mundial, na Guerra do Vietnã e, mais recentemente, em conflitos na África, na América Central e na América do Sul, fazendo milhares de mortos e mutilados.

Não foi em vão que inúmeros acordos internacionais e diplomas legais, como a Resolução nº 51/45 da Assembleia-Geral das Nações Unidas

(1996) e a Convenção de Oslo (1997), entre outros, foram acatados em todo o Mundo com o firme comprometimento de proibir a utilização, a produção e a armazenagem de minas AP, bem como de impor aos detentores a destruição total de tais artefatos.



Figura 8 – Um tipo de mina AP

Fonte: [//ciencia.hsw.uol.com.br/minas-terrestres2.htm](http://ciencia.hsw.uol.com.br/minas-terrestres2.htm)

No ano de 1995, em Tóquio, membros da seita religioso-terrorista Aum Shinrikyo dispersaram grande volume de gás *sarin* (incolor e letal) no metrô, exatamente na hora do *rush* (8 horas), afetando mais de seis mil pessoas e causando muitos óbitos. Este é mais um de tantos exemplos de emprego inesperado de armas-sujas contra grandes concentrações populares.

Mais recentemente, armas-sujas têm proliferado por conta de atividades terroristas e guerras civis. Organizações terroristas são pródigas no emprego dessas armas.

As ações terroristas caracterizam-se principalmente pela surpresa e pela incidência em áreas urbanas com grandes concentrações de pessoas. Esse aspecto, por si só, já demonstra que, diante do propósito de obter o máximo de repercussão para seus pleitos, os resultados pretendidos redundam em atos desumanos, pois são praticados indistintamente, contra alvos inocentes, de maneira covarde e amplamente traumática.

Na guerra civil que há cinco anos assola a Síria, tem-se verificado o emprego de várias armas-sujas. Entre elas, foram localizados tambores recheados com explosivos e sucatas metálicas lançados de aeronaves sobre áreas humanizadas, sob o argumento de destruir redutos insurgentes, porém cei-

fando vidas indistintamente. Também nesse conflito, foi confirmado por relatórios de observadores da ONU o uso de gases *sarin* e mostarda em condições similares às acima descritas.

Em setembro de 2001, os Estados Unidos viram-se surpreendidos por um inesperado ataque terrorista da al-Qaeda contra as Torres Gêmeas do World Trade Center (WTC), em New York, e o Pentágono, em Washington (DC).

As armas então utilizadas foram quatro aeronaves civis de grande porte, sequestradas com passageiros, três atiradas contra aquelas edificações e uma que caiu nas proximidades de Shanksville (Pensilvânia). Em nenhuma das quatro houve sobreviventes, e muitas mortes foram provocadas no WTC.

Essa ação de transformar aeronaves de carreira em armas-sujas deixou o Mundo estupefato...



Figura 9 – Ataque ao WTC

Fonte: www.perfilnews.com.br (Terroristas abalaram...)

Além dessa inusitada ação contra os Estados Unidos, a al-Qaeda tem longa atuação também no Oriente Médio, na África, na Ásia e até na Europa, valendo-se de várias ramificações terroristas que comungam os ideais extremistas daquela organização e têm perpetrado inúmeras ações terroristas nas regiões mencionadas.

As mais diversas formas de armas-sujas têm sido desenvolvidas e empregadas por essa organização fundamentalista islâmica e suas congêneres, particularmente no Afeganistão e no Paquistão, onde seu líder máximo — Osama bin Laden — acabou sendo eliminado por forças especiais dos Estados Unidos em 2011, quando se encontrava clandestinamente em sua mansão em Abbottabad.

Por ação dessas organizações, podem ser citadas, entre outras, armas-sujas como: homens-bomba; carros-bomba; bombas artesanais, inclusive presas a cachorros, acionadas por controle remoto; objetos armadilhados “despretensiosamente” deixados ao alcance público; ataques com armas de fogo pesadas; tudo empregado indistintamente contra concentrações populares, em cumprimento à segunda *fatwa* de declaração de guerra aos Estados Unidos e seus aliados, segundo a qual “matar americanos e seus aliados, civis e militares, é um dever individual de todo muçulmano capaz de fazê-lo”.

O Taleban (Talibã) é um movimento fundamentalista islâmico com expressiva atuação no Afeganistão e no Paquistão.

Sua origem remonta à invasão do Afeganistão (1979-1989), oportunidade em que os Estados Unidos forneceram armas aos *mujahidins* para atuar contra os invasores.

A partir daí, essa organização passou à prática de guerrilha contra as tropas russas, ação que não prescindia do emprego de armas-sujas.

Dentre as muitas ações terroristas que o Taleban vem praticando, exemplifica-se com a mais recente (março de 2016):

[...] a explosão de um homem-bomba em um parque onde famílias cristãs celebravam a Páscoa, em Lahore, provocando inúmeros mortos e feridos, sendo a maioria de mulheres e crianças. Só em 2015, 7 mil cristãos foram mortos por motivos religiosos. (Revista VEJA nº 2472 – 6/4/2016)

O Hezbollah (“Partido de Deus”) é uma organização paramilitar islâmica xiita natural do Líbano. A par de alguns serviços sociais (escolas, hospitais etc.) que conduz naquele país, seu braço armado (Jihad Islâmica) atua como organização terrorista que se vale também de armas-sujas, principalmente intensos explosivos. Além disso, exerce controle sobre o plantio e a produção de drogas, como marijuana e haixixe, no vale do Bekaa.

Em Beirute, no ano de 1983, a Jihad Islâmica desencadeou pesado ataque contra a Embaixada americana, provocando a morte de 241 *marines* dos Estados Unidos e 58 paraquedistas franceses, integrantes de uma força de paz.

O Hezbollah foi acusado de ter conduzido um ataque com carro-bomba contra a Associação Mutual Israelita da Argentina (AMIA) em 1994, por “procuração” do Irã. O evento redundou na morte de 85 pessoas, além da destruição da sede da AMIA.

A organização terrorista Boko Haram, cuja *sharia* prega o combate a tudo o que se relaciona à cultura ocidental, atua intensamente na África, em especial na Nigéria. Esse grupo extremista sequestra mulheres jovens e as submete à condição de escravas sexuais, dissemina ataques a bomba em diversas cidades nigerianas,



Figura 10 – Grupo extremista do Boko Haram

Fonte: o autor

extermina pessoas aleatoriamente, mutila mulheres, principalmente jovens, em suas partes genitais, provoca explosões em templos religiosos, degola pessoas indistintamente, dentre tantas outras atrocidades. Ou seja, essa organização é altamente contumaz no uso de armas-sujas. Além disso, o Boko Haram tem utilizado crianças em seus ataques suicidas (crianças-bomba). Até hoje, dezenas de crianças já foram forçadas a cometer esses ataques suicidas. Com isso, a violência do Boko Haram está contribuindo para a destruição de uma geração nigeriana.

Segundo divulgado na Imprensa, soldados do Sudão do Sul (África) têm sido autorizados por seu governo a se valer de estupros e terror contra jovens e crianças em vilas e cidades como “instrumento de guerra” e como “forma de pagamento” (compensação) pelos serviços militares prestados. Em outras palavras, grupos paramilitares aliados ao governo estão sendo autorizados a violentar mulheres em substituição aos pagamentos. É mais um típico exemplo de uso oficial da força como arma-suja.

Atualmente, uma expressiva atuação de natureza eminentemente terrorista, com requintes de barbarismo, verifica-se na Síria e no Iraque — trata-se da organização extremista, de orientação wahhabita (sunita), conhecida por Estado Islâmico (EI), cuja pretensão maior é instalar um califado naquela região.

As armas-sujas empregadas pelo EI têm sido as mais cruéis imagináveis, como:

- execuções a sangue frio de pessoas, mediante tiros de pistola na nuca;
- decapitação coletiva de grupos “infieis” por meio de cordel detonante envolvendo os pescoços;
- incineração de pessoas vivas aprisionadas em gaiolas de ferro;
- afogamentos de pessoas também presas em gaiolas;
- degola e amputações de mãos e pés a sangue frio, por meio de facas afiadas;
- lançamento de carros-bomba contra instalações sensíveis;

- destruição maciça de cidades e monumentos históricos, preservados como patrimônios da Humanidade, à guisa de “limpeza cultural”, implicando prejuízo irreversível para a História;
- pilhagem, seguida de venda, de tesouros arqueológicos e documentos históricos;
- violência sexual contra mulheres feitas prisioneiras;
- emprego de agentes químicos contra populações e forças adversas na Síria, principalmente gás mostarda.

Relatos de ex-integrantes do EI apontam que essa organização se vale de “drogas de combate” para tornar seus agentes insensíveis a quaisquer valores humanos, além de mais agressivos. Este é mais um tipo de arma-suja com o objetivo de desumanizar seus integrantes.

A atuação dos membros do EI tem sido tão horripilante que, na região do Oriente Médio, não há nenhum governo ou nenhuma outra organização que se disponha a compactuar com seus métodos terroristas. Em consequência, o EI é a única organização local que não conseguiu estabelecer qualquer tipo de aliança, tal a repulsa que a brutalidade de suas ações tem causado.

Outros tipos de armas-sujas

Além do exposto até aqui e diante do quadro de excrescência no uso de armas-sujas apresentado, é possível inferir o emprego de outras formas desses atos ou artefatos, conforme descrito a seguir, sempre sob o enfoque de barbarismo e dissimulação que os caracterizam. São tipos de armas-sujas cuja configura-

ção pode se materializar ou não, mas que são passíveis de emprego extemporâneo diante de qualquer descuido em sua avaliação.

Sob o prisma de degradação social e, por consequência, de enfraquecimento ou conturbação do moral nacional, forças adversas “subterrâneas” podem estimular um amplo consumo de drogas alucinógenas no seio da juventude do país-alvo, principalmente no universo dos soldados das Forças Regulares, com reflexos significativamente negativos para a defesa nacional. Há indícios de que esse tipo de arma-suja já se encontra em vigor em algumas partes do Mundo.

Uma forma de também denegrir a imagem de um país e, como tal, comprometer sua confiabilidade e a possibilidade de estabelecer alianças estratégicas é por meio da sabotagem de empreendimentos desse país, particularmente quando inseridos na cadeia produtiva internacional. Além dos prejuízos econômicos decorrentes, essa faceta sutil de arma-suja contribui para comprometer as condições de vida da sociedade, enfraquecendo o poder nacional.

Outro tipo velado de arma-suja, embora incomum, é a contaminação com toxinas ou agentes infecciosos de reservatórios de água potável, seja em estações de tratamento seja nas redes de distribuição.

Embora aparentemente incomum, essa hipótese não pode ser desconsiderada, principalmente no contexto de uma guerra civil ou de ação terrorista.

Na área cibernética, o emprego de armas-sujas tem adquirido expressivo vulto.

O envio de *e-mails*, por *hackers*, a funcionários de empresas que trabalham com infraestruturas críticas, como usinas nucleares e hidrelétricas, pode causar interrupções cruciais,

provocando verdadeiro caos nos grandes centros populacionais. Um exemplo recente foi o corte de energia elétrica, provocado por *e-mail*, na cidade ucraniana de Ivano-Frankivsk, deixando 1,4 milhão de pessoas sem energia durante seis horas.

Ainda nessa área de ameaças cibernéticas, a arma-suja pode ser utilizada por integrantes “inimigos” infiltrados no seio do pessoal que trabalha no sistema. Por essa razão, é fundamental que esses trabalhadores sejam rigorosamente selecionados antes de sua admissão, uma vez que um “estrage” dessa natureza, sutil, pode acarretar prejuízos e caos imensuráveis no país-alvo.

Uma arma-suja velada, que atua eminentemente no âmbito psicossocial, é a infiltração de elementos especializados em “doutrinar” principalmente estudantes e grupos jovens no sentido de que estes assimilem e passem a labutar por ideologias extremistas. Essa ação tem sido verificada também, de forma ostensiva, por leniência de governos comprometidos com outros valores que não os nacionais e em *sites* da rede internacional de computadores (Internet).

Alguns especialistas têm classificado as armas não letais como armas-sujas, já que causam dor, forte incômodo e até ferimentos sem, normalmente, provocar a morte. Nesse contexto, destacam-se munição de borracha (balas de borracha), *spray* de pimenta e bastões de eletrochoque. Na realidade, seu emprego é ostensivo e direcionado para o controle de distúrbios civis, principalmente quando culminam em manifestações violentas com depredações do patrimônio público e privado.

Complementando este tópico, podem ser citadas também armas-sujas como mochilas recheadas de explosivos, cartas-bomba e cor-

respondências contendo elementos infectantes como o antraz. Tais armas são normalmente dirigidas a alvos seletivos (autoridades), não implicando maiores danos para uma coletividade.

Conclusão

O propósito do presente artigo foi apresentar um enfoque mais abrangente do que sejam armas-sujas, extrapolando o conceito mais comumente encontrado, que se restringe à sua configuração física.

Para tal, foram tomados como base critérios referentes ao seu uso indiscriminado contra multidões pacíficas, suas características de artefatos torturantes e mutiladores, seu emprego como mídia negativa de cunho extremista ou ideológico, entre outros.

Em outros termos: arma-suja é aquela que, além dos danos físicos que provoca, fere a dignidade do ser humano, sua integridade psicológica; atinge indistintamente pessoas inocentes, indefesas, principalmente crianças; é aquela que traduz a insanidade mental de seus autores, cujo propósito, quando associada ao terrorismo, é dar repercussão a causas extremistas, defendidas por fanáticos alienados. A arma-suja é, enfim, aquela que, velada ou ostensiva, extrapola os valores humanitários e se reveste de características desumanas.

Mas, o fato é que, no labirinto de interesses nacionais e de organizações terroristas que conformam a conjuntura hodierna, as armas-sujas têm adquirido expressão inquietante para a sociedade internacional.

Hoje, o emprego dessas armas encerra abrangência global, principalmente atrelado a ações terroristas, alertando para o fato de que nenhum país está livre de sua ação deletéria.

Como tal, além de um consenso internacional no sentido de se implementar intensa campanha para sua proscrição, há que se dar ênfase total às **ações preventivas**.

Sob esse enfoque, ressalta-se a imprescindibilidade do trabalho integrado dos órgãos de Inteligência e de Direitos Humanos, em âmbito internacional, desde as atividades por eles desenvolvidas nas mais recônditas localidades do Mundo até aos mais elevados foros capazes de atuar nessa prevenção. Essa interligação tem de ser necessariamente ágil, desprovida de barreiras burocráticas, visto que é direcionada para o interesse de toda a Humanidade.

Os traumas psicológicos e físicos causados em milhões, ou bilhões, de seres humanos

pelo emprego em larga escala de armas-sujas clamam por uma reação mais eficaz da governança mundial, sob pena de a atual etapa da História ficar marcada por bilhões de casos de estresse pós-traumático, esquizofrenias, suicídios, mutilações, patologias que poderão seguir em trajetória ascendente caso não se adotem medidas radicais de contenção.

De qualquer forma, os profissionais da guerra — os militares principalmente — não podem ignorar a relevância da temática das armas-sujas, visto que, no contexto dos conflitos de amplo espectro, elas fatalmente serão empregadas nas localidades, no seio da população civil e nos campos de batalha, que, por sinal, se apresentam, cada vez mais, desprovidos de nítidas delimitações. ☹

Referências

AL-QAEDA: Declarations & Acts of War. The Heritage Foundation. Disponível em: <http://www.heritage.org/research/projects/enemy-detention/al-qaeda-declarations>. Acesso em 28/07/2016.

BONSOR, Kevin. *Minas Antipessoal. Como Tudo Funciona*. Disponível em: <http://ciencia.hsw.uol.com.br/minas-terrestres2.htm>. Acesso em 28/07/2016.

BRASIL. Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2016.

_____. Presidência da República. **Decreto no. 3.128, de 5 de agosto de 1999. Promulga a Convenção sobre a Proibição do Uso, Armazenamento, Produção e Transferência de Minas Antipessoal e sobre sua Destruição** (1997). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3128.htm. Acesso em 27/07/2016.

CENTRO SUPERIOR DE ESTUDIOS DE LA DEFENSA NACIONAL. La seguridad frente a artefactos explosivos. [Madrid]: Ministerio de Defensa, 2009.

FOTOGRAFIA HISTÓRICA da Guerra do Vietnã completa 40 anos. Pragmatismo Político. 01/Jun/2012. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/06/fotografia-historica-da-guerra-do-vietna-completa-40-anos.html>. Acesso em 28/07/2016.

GALDI, Madison. Nigerian Military Captures regional Boko Haram emir, rescues Women & Children. **Center for Security Policy.** September 25, 2015. Disponível em: [3º QUADRIMESTRE DE 2016 | ADN](http://www.center-</p></div><div data-bbox=)

forsecuritypolicy.org/2015/09/25/nigerian-military-captures-regional-boko-haram-emir-rescues-women-children-2/. Acesso em 28/07/2016.

HASTINGS, Max. **O mundo em guerra: 1939-1945**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

INGLIS-ARKELL, Esther. **What's the Historical Reality Behind the Trojan Horse?**. 12/08/2014. Disponível em: <http://io9.gizmodo.com/whats-the-historical-reality-behind-the-trojan-horse-1668300685>. Acesso em 28/07/2016.

REVISTA VEJA. **Edição nº 2472**, 6/4/2016.

SERVICE, Robert. **Camaradas: uma história do comunismo mundial**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2015.

SCAHILL, Jeremy. **Blackwater: Ascensão do exército mercenário mais poderoso do mundo**. Tradução de Cláudio Carina e Ivan Weisz Kuck. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

_____. **Dirty Wars: the world is a battlefield**. New York, NY: Nation Books. 2013.

TERRORISTAS ABALARAM o mundo com a derrubada das torres gêmeas dos EUA. **Perfil News**. 11/09/2014. Disponível em: <http://www.perfilnews.com.br/noticias/brasil-mundo/terroristas-abalaram-o-mundo-com-a-derrubada-das-torres-gemeas-dos-eua>. Acesso em 28/07/2016.

UNITED NATIONS. General Assembly. **Resolutions Adopted by the General Assembly [on the report of the First Committee (A/51/566/Add.11)]. 51/45. General and complete disarmament**. Disponível em: http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/51/45. Acesso em 27/07/2016.

USA. **National Security Strategy**. Washington(DC). Feb/2015.

VICTORY MANIA! **America in WWII**. Disponível em: <http://www.americainwwii.com/galleries/victory-mania/>. Acesso em 28/07/2016.

VOLKOGONOV, Dmitri Antonovich. **Os sete chefes do império soviético**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ O termo arma-suja grafado com hífen tem o propósito de caracterizar uma unidade semântica, diferenciando-se de armas que estejam simplesmente sujas em decorrência do uso ou da falta de manutenção. (Nota do autor)

² Ver termo "Bomba suja" na Wikipedia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bomba_suja. Acesso em 27/07/2016.